

13 FEV 1990

# Títulos brasileiros sobem para a cotação mais alta em 5 meses

por Maria Christina Carvalho  
de São Paulo

As cotações dos títulos da dívida externa brasileira atingiram ontem os níveis mais altos em cinco meses, chegando a 31 centavos de dólar por volta das 15 horas, no mercado norte-americano, informou a representação brasileira do Libra Bank. A alta acumulada neste ano já chega a 3,3%.

O NMB Bank e o Standard Chartered, duas outras instituições bastante ativas no mercado internacional de títulos da dívida, confirmaram a alta mas informaram que o preço do Deposit Facility Agreement (DFA) tinha chegado a 30,75 centavos de dólar para a venda, com a taxa de compra oscilando de 30 a 30,5 centavos de dólar.

A alta expressiva dos títulos brasileiros foi justificada pela decisão do Banco Central (BC) de formalizar ao mercado sua disposição de aceitar o pagamento de débitos que estão vencendo com papéis comprados no exterior, os DFA e os Multi-Year Deposit Facility Agreement (MYDFA).

A disposição foi divulgada

na forma de uma circular, na sexta-feira, assinada pelo diretor da área externa do BC, Armin Lore, que informou à editora Maria Clara R. M. do Prado que consideraria um deságio de 35,5% para a quitação da dívida. Sabia-se que o BC já vinha autorizando esse tipo de operação, desde que recebesse solicitações dos interessados. A circular foi considerada uma abertura maior. Por isso, já na sexta-feira, o mercado ficou bastante agitado. A cotação do DFA abriu a 29,625 centavos para a compra e a 30 centavos para a venda, chegando a atingir 31,50 até 31,75 centavos, recuando no fechamento para os 30 centavos com o aumento da oferta. Ontem, os preços subiram novamente. No final do ano, os DFA eram cotados de em média a 23,30 para a venda (variando de 22,75 a 24 centavos por dólar conforme o "trader"), acumulando no período alta de 33%. Há uma semana, a cotação era de 29 centavos a compra e entre 29,50 e 29,625 a venda.

Outros títulos brasileiros tiveram forte valorização. Os papéis do projeto 3 (linha comercial) foram cota-

tiva de que os títulos da dívida extensa mexicana caíram após a assinatura do acordo de reestruturação, na semana passada, por causa de prováveis vendas dos bancos japoneses. Pelo contrário, os títulos mexicanos subiram pouco mais de um centavo, para 40,50 a 41 centavos a compra e 41 a 41,75 centavos de dólar a venda.

O acordo mexicano prevê a redução da dívida e dos serviços da dívida, garantidos por bônus. Os chamados "par bonds", que pagam juros de 6,25% e garantem os juros, estão sendo vendidos por 40,5% do valor de face, enquanto os bônus que garantem o principal ("discount bonds") eram negociados por 60,8% do valor de face, informou a Unicom. O Manufacturers Hanover disse que os "par bonds" chegaram até 42% de desconto, mas caíram afetados por vendas na Europa.

A cotação do Chile caiu 1 centavos para 63 a compra e 63,75 centavos a venda; e a da Venezuela se fortaleceu ligeiramente, com a compra entre 35,75 e 36,25 centavos e a venda entre 36,25 e 36,75 centavos de dólar.

## OS TÍTULOS DA DÍVIDA (Cotação em centavos de dólar)

País	Preço	
	2/2	12/2
Argentina	12-12,75	11-11,75
Brasil	29,5-29,75	30,25-31
Chile	63,5-64,5	63-63,5
Ecuador	15-17	15-17
México	39-39,50	40,5-41
Peru	5,5-6,5	5,5-6,5
Filipinas	48-50	48-50
Polônia	16,25-17,50	15,5-17
Venezuela	35-35,50	35,75-36,5
Iugoslávia	54,55	55-56

Fonte: Merrill Lynch, transmitida pela Unicom.

dos entre 79,50 e 80 centavos para a compra e em 80,50 centavos de dólar para a venda. O projeto 4 (interbancário) também subiu, para 77,00 a 77,25 centavos a compra, com a taxa de venda oscilando de 76,50 a 78 centavos de dólar.

ficaram relativamente estáveis os títulos dos "exit bonds" (bônus de saída) em 34,00 a 34,25 centavos a compra e em 34,50 a 34,75 centavos a venda; e os "new money bonds", com a taxa de compra de 59,50 a 60,00 centavos, e a de venda, entre 60 e 61 centavos de dólar.

## MÉXICO

Foi frustrada a expecta-